

Teoria da relevância e interpretação textual: uma ilustração através de textos de humor

Relevance theory and textual interpretation: an illustration through texts of humor

Marcos Goldnadel ¹

Rita de Cássia Oliveira ²

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar os conceitos fundamentais da Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1995), no tratamento interpretativo de textos. Foram escolhidos textos de humor para realizar as análises ilustrativas por razões didáticas, já que por serem em geral mais curtos, as possíveis lacunas apresentadas durante o processo interpretativo, ficam mais evidentes e podem ser mais facilmente sanadas. Nestas análises, sob o prisma da Relevância, enfatiza-se a importância fundamental do contexto cognitivo na construção de processos inferenciais para a compreensão, ressaltando-se que a interpretação, indo além do texto explícito, requer habilidades cognitivas e perceptuais. Estas análises representam possíveis caminhos a serem trilhados no ensino da interpretação textual, visto que muitos professores pressupõem que o aluno conheça estes caminhos, o que na maioria das vezes, é uma idéia errônea e, sendo assim, não tratam deste assunto de forma significativa, configurando um dos graves problemas do ensino atual.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Relevância. Implicatura. Inferência. Interpretação textual. Ensino.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the basic concepts of Relevance Theory by Sperber and Wilson (1995) on text interpretation. Humor texts were chosen to do the analyses for didactic reasons, since they are normally shorter than other kinds of texts, the possible blanks presented during the interpretative process are more evident and can be easily completed. On these analyses, under Relevance prism, the fundamental importance of cognitive context is emphasized on inferential process construction to comprehension, remembering that interpretation, beyond explicit text, requires cognitive and perceptual abilities. These analyses represent possible ways to go along on teaching textual interpretation, since many teachers presume students

¹ UFRGS

² PG/PUCRS

know these ways, what in most of the cases is a wrong idea thus; they don't treat this subject in a significant way, configuring one of the hardest problems of present-day education.

KEYWORDS: Relevance Theory. Implicature. Inference. Textual Interpretation. Education.

Introdução

Muitos estudos têm-se voltado para a descrição e explicação de fenômenos lingüísticos e cognitivos envolvidos na compreensão e na interpretação de textos. Ao longo dos anos, os estudos com base no modelo de código mostraram-se insuficientes, pois não davam conta do sentido de muitos enunciados, por encararem o processo comunicativo como mera codificação e decodificação.

A interação verbal é muito mais complexa, pois há hiatos entre o dito e o compreendido, que são preenchidos por processos inferenciais. De acordo com esta idéia, de que a interpretação não se dá apenas por decodificação, mas também por inferências, Grice (1975), percebendo que as interações verbais partiam de um acordo razoável de cooperação entre o emissor e o receptor, criou o Princípio da Cooperação, regido por máximas conversacionais e dividido em categorias de quantidade, qualidade, relação e modo.

A partir do estudo destes conceitos idealizados por Grice, na tentativa de descrever o processo comunicativo, e com a idéia de que comunicar-se não é apenas codificar e decodificar informações, Sperber e Wilson (1995) propõem uma nova teoria baseada no fato de os indivíduos prestarem atenção apenas aos estímulos que lhes são mais relevantes. A Teoria da Relevância surge para explicar de que forma se dá o processo de atribuição de sentido, identificando ainda as razões para as falhas na comunicação, quando ocorrem equívocos de interpretação.

A utilização da Teoria da Relevância como ferramenta de ensino baseia-se nas dificuldades de interpretação de textos escolares por parte de muitos alunos. Se o professor tem consciência dos elementos envolvidos no processo interpretativo de maneira sistemática e clara, pode torná-los mais evidentes ao

educando, e a Teoria da Relevância apresenta-se como uma grande aliada que auxiliará o professor e tornará sua prática docente mais significativa e eficaz.

Breve Contexto Histórico-Teórico da Teoria da Relevância

É comum ver modelos de análises de interações verbais baseados exclusivamente em processos de codificação e decodificação. Um exemplo desse tipo de abordagem é o modelo de código. De acordo com Ready (*apud* SILVEIRA e FELTES, 2002, p. 18) várias teorias científicas da comunicação baseiam-se na Metáfora do Canal, segundo a qual, codificar seria como “empacotar” algo, e decodificar seria como “desempacotar”. O processo comunicativo se daria, então, por mero envio e recebimento de mensagens e mera interpretação de signos, negligenciando o papel do contexto e da inferência na comunicação. Vejamos a seguinte situação:

- (1) A mãe à espera do filho que deveria acompanhá-la a um compromisso, ao vê-lo deitado diante da televisão, diz: “— Você não vai se mexer?”. (Silveira & Feltes 2002, p.19)

Considerando que o processo comunicativo seria simplesmente “desempacotar” a mensagem, a interpretação para o enunciado acima seria “Você não vai fazer movimentos com o seu corpo?”, pois o modelo de código não nos possibilita interpretá-lo como uma ordem ou um pedido, por desprezar o contexto no qual está inserido.

Vejamos esta outra situação:

- (2) A mãe diz ao filho que se ele não for à biblioteca para estudar, em vez de ficar assistindo televisão, ela o impedirá de sair à noite com os amigos. Ao perceber que o filho continua assistindo à TV, ela diz severamente: “— Você não vai se mexer?”. (Silveira & Feltes 2002, p.20)

Na situação acima, o enunciado poderia ser interpretado como uma ameaça de aplicar a sanção prometida, o que seria negligenciado se

levássemos em consideração o enunciado desagregado de seu contexto, como determina o modelo de código.

Para dar conta de mensagens como a citada no exemplo anterior, Grice propôs uma nova abordagem através da noção de *implicatura*. A idéia básica da abordagem griceana é a de que existe um hiato entre a construção do enunciado pelo falante e a sua compreensão pelo ouvinte, e que este hiato na interpretação do enunciado se completaria por inferências, e não mais por decodificações.

Grice pressupõe que, ao se comunicarem, as pessoas partem de um acordo razoável de cooperação entre o emissor e o receptor da mensagem, o chamado *Princípio da Cooperação*, que é regido por quatro máximas, que, quando obedecidas, permitem que a mensagem seja perfeitamente entendida.

Silveira e Feltes enunciam o Princípio da Cooperação (encontrado em GRICE, 1975) da seguinte forma: "Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado" (2002.p.22).

Para Grice, o falante, além de respeitar o Princípio da Cooperação, segue as seguintes máximas:

1. Máxima da Quantidade:

- a) Faça sua contribuição tão informativa quanto é requerido.
- b) Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

2. Máxima de Qualidade:

- a) Não diga aquilo que você acredita ser falso.
- b) Não diga aquilo para o qual você não dispõe de evidência adequada.

3. Máxima de Relação:

- a) Seja relevante.

4. Máxima de Maneira.

- a) Evite obscuridade de expressões.
- b) Evite ambigüidade.

- c) Seja breve.
- d) Seja ordenado.

Exemplificando a Máxima de Qualidade, temos o enunciado (3) "Seu carro é ótimo". Considerando que o emissor tenha respeitado as máximas (a) e (b), a implicatura gerada a partir deste enunciado seria: "Acredito que o carro seja realmente ótimo". No entanto, o emissor pode não dispor das evidências necessárias para tal afirmação ou, ainda, pode dispor de evidências contrárias ao que afirma, sendo, nesse caso, irônico ao afirmar algo manifestamente falso. Nesse caso a implicatura gerada, "O carro é uma droga", resultaria de uma quebra da Máxima da Qualidade.

Sperber e Wilson (1995), tomando como base os estudos de Grice, desenvolveram uma teoria da comunicação voltada para a compreensão dos enunciados, partindo da idéia de que comumente prestamos atenção a estímulos que, em alguma medida, vêm ao encontro de nossos interesses ou que se ajustam às circunstâncias do momento. De acordo com Silveira e Feltes (2002), o modelo proposto por Sperber e Wilson defende a idéia de duas características conjugadas e indissociáveis da comunicação humana: ser ostensiva por parte do comunicador e ser inferencial por parte do ouvinte.

Assim como qualquer estímulo sensorio-perceptual, um enunciado pode ou não merecer a nossa atenção. Ao ser produzido, um enunciado torna-se mutuamente manifesto tanto para o ouvinte quanto para o enunciador, e este espera que sua intenção informativa chame a atenção do ouvinte, isto é, seja relevante para ele. Se a informação for relevante para o ouvinte, ele fará inferências a partir daquilo que está no enunciado somado às informações que constam em seu *ambiente cognitivo*, que são as informações que cada indivíduo carrega consigo. Num processo comunicativo, algumas suposições tornam-se mais ou menos evidentes para o emissor e para o receptor, e esse conjunto de suposições manifestas em diferentes graus, que caracteriza o conceito de *Manifestabilidade Mútua*, Sperber e Wilson chamam de *ambiente cognitivo mutuamente compartilhado*. Esse ambiente é composto por um

(vasto) conjunto de suposições a que, por hipótese³, os participantes da troca conversacional têm acesso.

Para processar os enunciados, nossa mente busca o maior número de informações relacionadas com aquilo que é dito com o menor esforço possível, sendo, dessa forma, relevante. Então, se a informação não tem relação com algo que já temos conhecimento, temos um esforço muito maior.

Todo ato comunicacional gera uma troca de informações entre ambientes cognitivos distintos e, conforme Silveira e Feltes (2002), a modificação das crenças dos indivíduos através da alteração de seus ambientes cognitivos está na base do processo comunicativo, e constitui o que Sperber e Wilson chamam de *efeitos contextuais*.

As informações recebidas só são relevantes quando o esforço gerado para processá-las tem como recompensa novas informações, ou seja, efeitos contextuais. A partir do enunciado, o ouvinte buscará estabelecer relações entre o dito e as informações que fazem parte do seu *ambiente cognitivo*, selecionando entre as inúmeras disponíveis, aquelas que lhe causam maior número de *efeitos contextuais*. A escolha de tais informações orienta-se pelo esforço gerado para processá-las. O indivíduo sempre busca o menor esforço com o maior número de efeitos contextuais.

Para caracterizarmos a Relevância, é necessário, além da noção de efeitos contextuais, é preciso também, entender o esforço necessário para o processamento da informação.

Todo o processamento de informação exige algum esforço, algum dispêndio de energia mental em nível de atenção, memória e raciocínio. O esforço está numa relação comparativa com os benefícios que são alcançados, os quais, nesse caso, são os efeitos cognitivos. De uma maneira geral, a mente opera de modo produtivo ou econômico, no sentido de alcançar o máximo de efeitos com um mínimo esforço (SILVEIRA, 2002 p.44).

Sperber e Wilson (1995) definem as condições para que haja relevância:

- a) Uma suposição é relevante no contexto à medida que há um número maior de efeitos contextuais.

³ É importante ressaltar que, para os autores, sempre é possível que haja um equívoco por parte do falante em sua suposição de que determinada proposição faça parte do *ambiente cognitivo mutuamente manifesto*.

- b) Uma suposição é relevante no contexto na medida em que o esforço para processá-la, neste contexto, é pequeno.

No caso de uma situação comunicativa como esta:

- (3) A: — Há quanto tempo você se formou?
B: — Uns onze anos.

Nota-se que o esforço para processar esta informação é mínimo. O contrário ocorreria se o enunciado de B fosse “Me formei em janeiro de 1994”. Neste caso, A precisaria fazer um esforço muito maior para processar a informação e chegar à resposta desejada.

Entretanto, os autores afirmam ainda que, em determinadas situações comunicativas, um esforço extra é compensado por maiores efeitos contextuais. O enunciado “Me formei em Janeiro de 1994” poderia causar maior número de efeitos contextuais, caso o ouvinte soubesse que tal turma tivesse sido a mais brilhante já formada na Universidade. Neste caso, além de saber a quanto tempo o seu interlocutor havia se formado, saberia também que foi membro de uma turma fantástica, ou seja, teria o esforço de processar a informação compensado pelo efeito contextual elevado. Mas, se ouvinte não tivesse em seu ambiente cognitivo as informações necessárias para a interpretação do enunciado, seu esforço talvez não fosse recompensado. Convém salientar que o cálculo do esforço é algo não representado na mente, e sim intuitivo.

Para Sperber e Wilson a relevância é baseada em efeitos e esforços e os esforços existem mesmo não sendo representados na mente. Sendo assim é uma propriedade não-representacional da mente que é disparada espontânea e inconscientemente e não uma regra a ser respeitada ou desrespeitada como acontece com o Princípio da Cooperação e suas máximas. O que pode a vir a ser representado são os julgamentos de Relevância, comparativos e intuitivos que nos levarão à interpretação pretendida.

O termo “relevância” utilizado por Sperber e Wilson equivale a um conceito teórico que explica a compreensão dos mecanismos interpretativos nos

contextos comunicativos. Segundo os autores, todo o ato de ostensão vem acompanhado de uma garantia implícita de relevância, e a partir dela, é possível compreender melhor o *Princípio da Relevância*, (1995 p.158) que rege “Every act of ostensive communication communicates a presumption of its own optimal relevance”⁴.

A idéia do Princípio da Relevância é a de que o falante seleciona intencionalmente o enunciado de forma a ser otimamente relevante para o ouvinte, garantindo assim a seleção de uma interpretação preferencial da informação entre as várias possíveis, mais ou menos acessíveis e compatíveis com tal enunciado. De acordo com Silveira (*apud* SILVEIRA e FELTES, 2002 p.53), “comunicar é requisitar a atenção de alguém através de um estímulo ostensivo; conseqüentemente, comunicar é implicar que a informação comunicada é relevante, o que garante a presunção da Relevância ótima”.

Na visão de Sperber e Wilson, para um enunciado ser otimamente relevante, é necessário recuperar sua representação semântica por um processo automático de decodificação lingüística, acrescido de informações contextuais (*inputs* visuais, lingüísticos, conhecimento de mundo, ou seja, informações do ambiente cognitivo). A escolha dessas informações baseia-se na consistência com o Princípio da Relevância, que garante que em meio a inúmeras informações constantes no ambiente cognitivo de cada indivíduo, compatíveis com o enunciado, que poderiam gerar diversas interpretações, selecionem-se apenas as informações que causam maior número de efeitos contextuais, ou seja, as mais compatíveis.

Teoria da Relevância e Textos de Humor

A Teoria da Relevância tem por objetivo explicar o processo de atribuição de sentido aos enunciados. Assim como o ouvinte presta maior atenção aos estímulos que lhe parecem mais relevantes, o mesmo ocorre ao leitor.

⁴ Todo o ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de relevância ótima. (Tradução dos autores).

Determinadas informações no texto disparam o processo inferencial que levará o leitor a encontrar dentre as inúmeras informações constantes em seu ambiente cognitivo, aquela que lhe dará o maior número de efeitos contextuais com o menor esforço de processamento.

Vejamos como se dá o processo interpretativo nesta tira de humor:



Figura 1 - Revista de Quadrinhos O SUL nº. 262 p.1.

É interessante iniciar a análise pelo enunciado "Mas você me ouviu? Nãããããããã...!", que associado aos *inputs* visuais e lingüísticos do quadrinho anterior permite a geração da informação que poderia ganhar expressão verbalizada em (1):

(1) Você não comprou naftalina!

Que elementos da tira levam a tal interpretação?

Inicialmente, o *input* visual, os dois personagens, Donald e Margarida, voando em um tapete mágico cheio de buracos, somado ao *input* lingüístico do primeiro quadrinho "Eu disse pra você comprar naftalina!", levam o leitor a buscar em seu ambiente cognitivo, informações como estas⁵:

S1: A naftalina é a única coisa que protege os tecidos do ataque das traças.

S2: Traças comem tecidos.

S3: Tapetes são feitos de tecido.

O leitor, relacionando tais informações, será capaz de deduzir que:

⁵ A partir de agora, passa-se a considerar as suposições que participam do processo de interpretação de enunciados como S. Elas serão apresentadas como S1, S2, etc. Algumas destas suposições têm origem no conhecimento dos interlocutores, outras são as próprias implicaturas.

S4: Os buracos no tapete de tecido foram feitos por traças.

S5: Se as traças comeram o tapete, é porque não havia naftalina para mantê-las afastadas.

S6: Se não havia naftalina, é porque Donald não fez o que Margarida havia pedido, ou seja, não comprou a naftalina.

Ao perguntar “Mas você me ouviu?” e prontamente responder “Nãããããããããããã...!” Margarida revela que está brava com Donald por ele não ter feito o que ela pediu, o que é reforçado pelo *input visual* de seu rosto e pela ativação do conhecimento de mundo do leitor. Sabe-se que Donald e Margarida são namorados. Dessa forma, tal enunciado pode revelar um desabafo de Margarida, pois o leitor tem a idéia de que isto já havia acontecido antes, pelo uso do verbo no presente, ou seja, Donald costuma não ouvir o que ela diz. Há ainda outros indícios que podem ser notados pelo leitor, dependendo de sua capacidade inferencial e de suas vivências.

O leitor pode ainda perceber, através de *input visual*, no rosto de Donald, o seu aparente mal-estar perante a desaprovação de Margarida, demonstrando arrependimento e o reconhecimento de que ela estava certa. Tal interpretação se dá através da ativação do conhecimento de mundo de quem lê a tira, que pensa no mal-estar e no arrependimento que uma pessoa pode sentir quando, após julgar não ser importante realizar algo que é pedido, percebe que a recusa gera um dano. No caso da tira de humor em questão, o dano é a destruição parcial do tapete. Esta interpretação seria outro efeito contextual obtido a partir da leitura da tira.

A análise desta tira de humor evidencia que a interpretação não é simplesmente “desempacotar” a mensagem. Não basta saber identificar os signos, é preciso fazer inferências a partir deles. A interpretação é a junção da decodificação lingüística e das informações contextuais compatíveis acessadas de acordo com o Princípio da Relevância, que garante que em meio a inúmeras informações compatíveis com o enunciado, que poderiam gerar diversas interpretações, somente sejam selecionadas aquelas que causam maior número de efeitos contextuais.

Vejamos se a Teoria da Relevância aplica-se também ao processo interpretativo do texto humorístico abaixo:

- (2) O sujeito encontra o colega e desabafa:
- A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.
 - Caramba! Quem é o cara? - pergunta o outro, indignado.
 - Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!

O primeiro enunciado "A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo" desperta, no leitor, a idéia de que o marido está sofrendo, já que, de acordo com o frame⁶ casamento, têm-se a idéia de que há amor entre o casal, e que perder a mulher é algo muito triste para um marido apaixonado. O fato de ter perdido a mulher para o melhor amigo reforçaria essa idéia de sofrimento, pois, de acordo com o frame amizade, temos a idéia de que amigos não traem seus amigos, o que é agravado pelo fato de não ser um simples amigo, e sim, o melhor amigo. Todas estas informações estariam supostamente presentes no ambiente cognitivo do leitor.

O segundo enunciado, "Caramba! Quem é o cara? - pergunta o outro indignado.", revela os sentimentos do colega que ouve a notícia com espanto, o que é ativado pelo *input lingüístico* "Caramba!", e pela curiosidade em saber quem é "o cara" com quem a esposa do colega fugiu. O espanto e a indignação se explicam tanto pela da traição e pela fuga da esposa, quanto pela traição do amigo, já que tais atitudes contrariam o frame casamento e o frame amizade, que por hipótese fazem parte do ambiente cognitivo do leitor.

O enunciado "Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!", contraria a idéia do leitor de que "o cara" com quem a esposa fugiu era de fato um amigo, já que não era conhecido do sujeito, e ainda evidencia pelo *input lingüístico* "agora", que o homem com quem sua esposa fugiu, tornou-se seu melhor amigo depois disto. Temos, então, uma idéia oposta a toda a informação da qual o leitor dispunha em seu ambiente cognitivo.

⁶ Utiliza-se neste trabalho, o conceito amplo de *frame*, sem diferenciar frame de esquema.

Esta oposição faz com que o leitor faça uma série de inferências como estas:

S1: O homem com quem a esposa fugiu não era seu amigo.

S2: O homem com quem a esposa fugiu tornou-se seu melhor amigo depois de ter fugido com ela.

S3: Os melhores amigos não traem seus amigos.

S4: Esposas que amam seus maridos não fogem com outros homens.

S5: Maridos que amam suas esposas não se tornam amigos dos homens com quem elas fogem.

Com base nestas inferências, o leitor implicará por relevância, que:

S6: O marido não amava a sua mulher.

Assim como na análise da tira de humor, o papel fundamental do contexto cognitivo na construção das suposições que levaram à interpretação é evidenciado também na análise desta piada. O leitor poderia, de acordo com seu conhecimento de mundo, considerar outras suposições para a interpretação, no entanto, se a seleção das suposições não se guiar pelo critério do Princípio da Relevância, elas gerarão um esforço de processamento que não será compatível com os efeitos contextuais produzidos.

A aplicação da Teoria da Relevância às inferências possíveis de serem construídas a partir dos textos analisados evidencia a validade dos mecanismos inferenciais humanos propostos por Sperber e Wilson (1995), para tratar do processamento da informação na comunicação espontânea e intencional. O objetivo das análises foi mostrar, de forma sistemática, percursos cognitivos plausíveis que ilustrem a construção do contexto e do raciocínio inferencial na interpretação de textos e também evidenciar as possíveis falhas durante o processo interpretativo. Nesse sentido, pode-se observar que, sem o contexto cognitivo das informações armazenadas na memória enciclopédica, não seria possível a construção de premissas e conclusões implicadas que levam à interpretação. Dessa forma, as noções de contexto, baseado nas noções de efeitos contextuais e esforço de processamento, contribuem fortemente para explicar a compreensão dos indivíduos, a partir de estímulos lingüísticos ou sensório-perceptuais.

Teoria da Relevância e Interpretação Textual

Muitos alunos demonstram dificuldade para interpretar textos escolares. A proposta desta seção é evidenciar caminhos que possam ser seguidos pelos professores ao trabalharem com interpretações textuais, de forma a sanar os problemas de atribuição de sentido e compreensão dos alunos.

Textos de humor foram escolhidos para este propósito por um número significativo de razões:

- Permitem ao professor perceber as possíveis dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo interpretativo sem que exista uma avaliação formal, através da ausência do riso.
- Despertam nos alunos o interesse pela interpretação, traduzidas sob a forma de expectativa de riso.
- Tratam-se de textos geralmente curtos, que além de contribuírem para a sua aceitação, visto que os alunos comumente reclamam de textos extensos, ainda possibilitam ao professor rapidez na identificação das falhas de interpretação.
- Apresentam linguagem verbal e não-verbal (certos tipos de textos de humor como charges e tiras de humor), o que representa um desafio para muitos alunos que não conseguem relacionar a porção do texto em linguagem verbal com sua porção não-verbal.
- Propiciam um clima descontraído em sala de aula.
- Possibilitam o exercício da oralidade, da desinibição, da expressão corporal, através da leitura, interpretação ou encenação.

O trabalho com textos de humor⁷ em sala de aula, pode iniciar de uma forma espontânea, sem cobranças, pedindo aos alunos que tragam para a escola piadas, charges, tiras de humor, etc. para que se instaure o "momento do humor"⁸, no qual, em uma determinada parte da aula os textos trazidos são

⁷ É preciso que o professor trabalhe previamente com os alunos as diferenças entre os diferentes tipos de textos de humor.

⁸ Cabe ao professor selecionar, os textos que possam ser considerados impróprios.

lidos para descontrair. Depois de um período de adaptação ao “momento do humor”, o professor pode passar a questionar os estudantes sobre os elementos que causam o riso, analisando os textos com os alunos buscando os itens responsáveis, referidos de forma explícita ou implícita, levando-os a acessar em seus ambientes cognitivos, informações que estejam em harmonia com o Princípio da Relevância. É importante que ocorram trocas de informações neste estágio, tanto pela interação professor-aluno quanto aluno-aluno, para que os estudantes tenham a oportunidade de checar todas as possibilidades de estabelecimento de relações relevantes. Dessa forma, o professor propõe uma reflexão acerca da língua e de sua relação com o mundo a partir do conteúdo dos textos.

Outras atividades podem ser propostas assim que o professor perceber que a maior parte dos alunos já consegue explorar os diferentes tipos de informação envolvidos no processo interpretativo. Pode-se pedir que os alunos construam seus próprios textos de humor, como forma de estimular a criatividade e reforçar os passos necessários à interpretação, trilhados agora sob um outro prisma, o do escritor, tendo sempre em mente que o estímulo mais relevante deve ser dado ao possível leitor para que ele tenha condições de fazer as inferências necessárias à interpretação.

Esta abordagem da interpretação textual, guiada pela Teoria da Relevância, busca desenvolver no aluno a habilidade de interpretar um texto enfatizando a importância fundamental do contexto cognitivo na construção de processos inferenciais, ressaltando que, é preciso ir além daquilo que é explicitamente referido, habilidades cognitivas e perceptuais são indispensáveis neste processo. Dessa forma, para desenvolver tais habilidades, o professor precisa conhecer este percurso a fim de elaborar e propor atividades que privilegiem o conhecimento prévio do aluno, por meio de estratégias didáticas que evidenciem cada passo do processo e facilitem o encadeamento das informações relevantes para a interpretação. Assim, tendo consciência do funcionamento desse processo, o educando passa a buscar e a selecionar em seu ambiente cognitivo apenas as informações que possam lhe causar maior número de efeitos contextuais com o menor esforço de processamento.

Referências

CORAL, Ruth de Farias. *Progressão Temática em Entrevista de Anthony Garotinho a Boris Casoy: Análise com base na Teoria da Relevância*. 2003. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, [2003]. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/pesquisa/semana02.htm/>>. Acesso em: 25 fev. 2005.

RAUEN, Fábio José. *Teoria da Relevância e Ensino: Reflexões sobre processos de compreensão em atividades escolares*. In: Caderno Seminal Digital v.7 n.7. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/seminal_VII.pdf>. Acesso em: 10 set. 2007.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da. *A imagem: Interpretação e Comunicação*. Revista Linguagem em (Dis)curso. v.5, n. especial. 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/00.htm/>>. Acesso em: 01 mar. 2005.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios*. 3. ed. Porto Alegre: DIPUCRS, 2002.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. *Relevance: communication and cognition*. 2.ed. Cambridge, USA: Blackwell, 1995.